

**CEDI**

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 56

Data: 11 de setembro de 1980

Pg.: \_\_\_\_\_



Jornalistas e antropólogos debatem a função do jornal.

## Debate com antropólogos em Belém

O "Dia da Imprensa", transcrito ontem, foi marcado no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Pará por um debate sobre a cobertura jornalística do incidente entre índios da tribo Gorotire, do grupo Kaiapó, e brancos da fazenda Espadilha, no sul do Pará, ocorrido recentemente. Do debate participaram jornalistas e antropólogos membros de entidades de proteção ao índio.

Pelos órgãos indigenistas compareceram o padre Nello Rufaldi, representando o Conselho Indigenista Missionário (CIMI); Anaíza Vergolino, professora de Antropologia da Universidade Federal do Pará e vice-coordenadora do Grupo de Apoio ao Índio (GAI); Antônio Cardoso Magalhães, coordenador do GAI, e Heraldo Maués, da Associação Brasileira dos Antropólogos (ABA). O presidente do Sindicato, Lúcio Flávio Pinto, explicou que havia convidado os antropólogos para que fossem esclarecidos alguns pontos, citados em nota expedida pelas entidades de proteção ao índio, onde era condenada a conotação jornalística do incidente envolvendo os Gorotires.

Primeiro falaram os convidados. Anaíza relatou que foi surpreendida por alunos seus, que são professores em bairros periféricos de Belém, quando recebeu a informação de que as crianças estavam querendo explicações sobre o massacre, querendo saber "se realmente os índios estavam matando brancos com tacape e flexas". Isto levou Anaíza à conclusão de que a opinião pública havia sido tomada pela simples narração do fato ocorrido, sem ter informações sobre as causas. E isto, no seu ponto de vista, fará com que o público aceite e até concorde com o extermínio da raça indígena. Ela frisa que não foi citado, nas reportagens, que a história mostra o índio sofrendo há bastante tempo, desde que o Brasil foi conquistado pelos portugueses, sempre sendo expulso de suas terras. Ela comenta, ainda, que o grupo Kaiapó é, por natureza, aguerrido, e esta é a sua cultura, "ele nem sempre mata por vingança". Para a antropóloga, o incidente resultou de uma "explosão de sofrimento", culpa do próprio civilizado.

O padre Nello iniciou sua fala dizendo que estranhara não ter sido ouvida a outra parte do conflito — os índios —, pois, explicou, este é um dos elementares princípios jornalísticos. E acrescentou, também, que as reportagens simplesmente noticiaram o fato sem dar explicações, omitindo as causas, o que impediu, no seu

entender, a perfeita interpretação por parte do público. Ele criticou a Funai por só agora estar anunciando medidas para demarcar a terra dos índios, e esclareceu que isso nem deveria ser feito, pois é o próprio índio que sabe o que lhe pertence, e nós não devemos violentar os nativos impondo-lhes o legalismo. O padre acha que a cobertura jornalística deu margem aos fazendeiros para se armarem contra os indígenas, prontos a exterminá-los sob qualquer pretexto.

Afagando sua longa barba, Antônio Carlos começou sua exposição perguntando aos jornalistas a que de positivo havia levado o sensacionalismo imposto na cobertura do fato. Sem esperar resposta, exclamou: "O sensacionalismo só prejudicou". E complementou que o caráter educativo do jornalismo foi relegado a um plano inferior o que criou grandes problemas para as entidades de apoio ao índio, tudo para se conseguir o furo de reportagem, que deveria não existir, conforme seu ponto de vista.

Ele comentou que o incidente ocorrido na fazenda Espadilha, em Redenção, município de Conceição do Araguaia, já era previsto pelos antropólogos, com base nos problemas enfrentados pelos nativos, que, a cada dia, têm suas terras tomadas por fazendeiros. Ele voltou a dizer que não houve violência sexual, levantando a hipótese de que pode ter acontecido a prática do aborto o que, aliás, é próprio da cultura Kaiapó.

O último depoimento foi de Heraldo Maués. Para ele, deveria ser enfatizado, nas reportagens sobre o assunto, que o incidente "foi uma explosão de todo o processo de perseguição imposto ao índio", tudo para se conseguir as terras que sempre lhes pertenceram. Ele lembrou que, quando começou a pacificação dos índios Gorotires, eles eram cerca de 500, e hoje estão reduzidos a apenas 82. Esta redução acentuadíssima se deu em pouco tempo, em razão das doenças transmitidas pelos civilizados e até mesmo pelo assassinato dos nativos.

Aos antropólogos explicou-se que o furo de reportagem é o dinamismo do jornalismo e que o noticiário de jornal se baseia em fatos diários. Dirigida mais especificamente ao padre Nello, foi dada a resposta de que, como o próprio nome já diz, o repórter tem a função de reportar, característica esta que se acentua no Pará.

Também foi lembrado ao padre Nello e demais antropólogos que, se os índios até hoje não foram ouvidos, não foi por falta jornalística, mas por impedimento da Funai e Polícia Federal. Foi explicado que a Funai proibiu o pouso de aviões na precária pista da aldeia dos Gorotires. Até mesmo antropólogos que tentaram ir ao local do incidente foram impedidos.

O presidente do Sindicato fez alguns esclarecimentos aos membros das entidades de apoio ao índio. Disse ele que no Brasil inteiro não existe nenhum jornal com um conselho de redação, o que faz com que a linha seguida seja o reflexo puro e simples da vontade de seus diretores. Lúcio Flávio ressaltou que jamais poder-se-ia omitir o número de mortos na fazenda Espadilha —, como desejavam os antropólogos —, já que o fato existiu e precisava ser noticiado. E continuou, seria ingenuidade pensar que os jornais que conseguiram fotografar os mortos não iam publicar essas fotos, em virtude do investimento feito. Lúcio afirmou que a venda do jornal não paga o seu custo industrial, estando a publicidade como fator determinante na sobrevivência da imprensa escrita, daí recorrer-se a anunciantes, o que vem implicar acentuadamente na linha do jornal.

Os antropólogos teceram algumas considerações conclusivas. Disseram eles que suspeitam da forma como foram encontradas as bordunas, pois, segundo lhes foi relatado elas foram arrumadas algum tempo após a luta dos Gorotires com branco. Eles afirmam que, até mesmo por questão mitológica, a arma é abandonada ao lado da vítima, sem mais ser tocada pelo índio. Com base em trabalhos anteriores, Heraldo disse achar difícil ter sido cometida violência sexual na fazenda Espadilha, já que "em período de luta os Gorotires fazem abstinência do sexo".

Ao final do debate foi acertado que será encaminhado um abaixo-assinado à Funai com a assinatura de todos os jornalistas, mostrando a necessidade de esclarecer a opinião pública sobre os problemas indígenas e principalmente sobre o incidente envolvendo os Gorotires. O padre Nello informou que dentro de pouco tempo o CIMI disporá de monografias sobre todos os grupos indígenas, que poderão ser utilizados, não só por jornalistas, mas por todos os interessados.